

MARLENE GOMES VELLASCO (TRANSCRIÇÃO)

Primeiramente, eu quero agradecer pelo convite. “Rever velhos amigos”, como a Cora dizia. Ela voltou a Goiás para matar saudades e rever velhos amigos. E hoje, aqui, estou matando saudades e revendo velhos amigos. A Jurema, o Ivanei, o Marcelo, são pessoas muito queridas e que participaram do Encontro de Museus-Casas, realizado em 2018, que foi um sucesso, a gente conseguiu fazer um trabalho muito bacana aqui no Museu. Para mim é uma alegria muito grande poder estar nesta mesa de amigos e poder dar um pouquinho da minha contribuição, do conhecimento para as pessoas de o que é o Museu Casa de Cora Coralina. Muito obrigada a você.

Vocês sabem que o Museu Casa de Cora Coralina está sediado na cidade de Goiás, antiga capital do estado. Hoje a cidade é patrimônio mundial e, há dois dias, completou 295 anos de fundação. É uma cidade que traz nas suas raízes a cultura, a tradição. Todas as manifestações culturais estão presentes aqui na cidade de Goiás, e, evidentemente, o Museu Casa de Cora Coralina é um parceiro na divulgação e nessa transformação da cultura e do acesso das pessoas à cultura.

Como todos sabem, o primeiro nome de Cora Coralina era Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Bretas quando ela se casou com o Cantídio), e ela nasceu nesta cidade, nesta casa, que é hoje o Museu. Então é a casa natal, aqui ela passou sua infância e adolescência e teve suas inspirações de infância. O mundo literário saiu dentro desta casa. Aqui ela começa a escrever. As pessoas falam que Cora começou a escrever aos 75 anos de idade. Não, ela começou a escrever com oito ou nove anos de idade, quando já começava a escrever nos jornaizinhos da cidade. É só em 1908 que ela cria o pseudônimo de Cora Coralina. Aí as pessoas perguntavam para ela: “Por que esse pseudônimo de Cora Coralina?”. E ela falava: “Olha, para que a minha literatura não fosse comparada à de uma outra Ana da cidade.” É que, como a padroeira de Goiás é Sant’Ana, então muitas meninas que nasciam nesse período eram chamadas de Ana. Era Ana, Nica, Noca, e ela não queria que sua obra literária fosse atribuída a uma outra Ana, “talvez mais bonita do que eu”, como ela falava.

Ela começa a escrever desde novinha. Em 1908 ela cria o pseudônimo de Cora Coralina e publica um conto no jornal que se chama “O celibatário”. A partir desse conto as pessoas começam a perguntar quem é Cora Coralina. Em 1910 ela publica um outro conto, que foi um marco em Goiás, “Tragédia na roça”. Estava já com 19 ou 20 anos de idade. Então, é a partir de 1908 que a cidade começa a conhecer essa menina.

Ela fica em Goiás até 1911, quando ela conhece o advogado paulista Cantídio Tolentino Figueiredo Bretas. Deve-se ressaltar que Cora Coralina só estudou até a terceira série (naquela época se falava “terceiro livro”) e teve uma única professora, a mestre Silvina, a quem o livro *Vintém de cobre* é dedicado, a essa única professora, que abriu a mente de Cora. Então, em 1911, ela sai de Goiás e vai morar no interior de São Paulo, em Andradina, Jabuticabal, Penápolis, na própria capital paulista. Lá ela tem os filhos. Nessas cidades em que Cora morou, ela também tinha uma vida cultural ativa, literária, política. Ela se envolvia com todas as questões sociais e culturais dos lugares em que ela morava, e isso fez com que as pessoas começassem a conhecer mais Cora Coralina. Inclusive ela foi vizinha de Monteiro Lobato. Ela nos contava que tinha uma relação muito interessante com Monteiro Lobato e que os filhos de Monteiro Lobato e de Cora eram amiguinhos e brincavam na mesma rua.

A Cora então vai embora para São Paulo, fica 45 anos fora da cidade, fora da sua terra natal, e quando alguém lhe perguntava: “Por que você voltou para Goiás?”, ela dizia: “Foram as minhas raízes que me trouxeram de volta à terra natal.” E aqui ela ficou até o último dia de vida. Ela faleceu em 10 de abril de 1985. É quando surge o Museu. Com a morte de Cora, os amigos e parentes ficam preocupados. Esta casa onde Cora nasceu e a mãe de Cora também nasceu é do século XVIII. Uma casa belíssima, tem um quintal enorme, 3300 m² de casa com o quintal, que é cheio de frutas. Nós imaginávamos que essa casa poderia ter uma outra finalidade, então os amigos e parentes resolveram criar uma associação. Ela faleceu no dia 10 de abril. Em setembro de 1985, nós já estávamos com a associação criada, a Associação Casa de Cora Coralina, que é uma entidade mantenedora do museu, particular, sem fins lucrativos e que tem como finalidade preservar a memória e a obra da escritora.

A partir de então, nós tivemos uma grande luta que foi restaurar a casa, transformá-la em um museu-casa de uma escritora. E o que é mais interessante deixar

destacado é que quando ela faleceu os familiares não levaram absolutamente nada da casa. A casa está como quando ela morava. As roupas, os manuscritos, os objetos de cozinha, tudo que pertencia a Cora continua no Museu. Isso faz uma diferença muito grande quando as pessoas veem o prato que ela usava, os talheres, a terrina. Isso traz uma intimidade com a escritora, porque, mesmo que ela seja uma escritora que foi há muito tempo embora, é como se ela estivesse dentro da casa. As pessoas se identificam com o Museu, e nosso trabalho é esse: fazer com que as pessoas sintam como se a Cora estivesse aqui dentro, recebendo os turistas.

Quando ela voltou para Goiás, em 1956, começou a atividade de doceira, porque precisava de recursos para se manter. A única forma que ela achou viável seria a confecção de doces cristalizados. E ela então fez um grande nome de doceira, e eu digo que a casa começou a ser museu, ou casa visitada, a partir do ano quando ela volta para Goiás, 1956-58, que é quando ela abre as portas da casa para receber os turistas – muito poucos na cidade, mas que vinham a Goiás – que queriam adquirir os doces de Cora Coralina. E nesse meio, entre a venda de doces, ela apresentava o seu livro. O primeiro que ela publicou foi *Poema dos becos de Goiás e estórias mais*, aos 76 anos de idade, pela Editora José Olympio. Aí ela dizia: “Olha, além de doceira eu também sou escritora.” Ela batia aquele papo agradável com as pessoas, declamava muito bem, tinha praticamente os poemas todos decorados, sabia falar muito bem, tinha uma oratória muito forte, e então as pessoas saíam entusiasmadas daqui da casa.

Esse foi o período em que ela morou aqui, viva. Quando a casa se transforma em Museu, nós tínhamos a obrigação de manter viva essa história da poetisa. E o Museu passou a ser o principal ponto turístico da cidade. É um Museu que todas as pessoas que chegam à cidade de Goiás têm que visitar. Jovens, crianças, adultos, idosos, todos têm uma curiosidade de conhecer a casa onde nasceu a poetisa.

Deve-se destacar também que foi Carlos Drummond de Andrade quem abriu o mundo para Cora Coralina se destacar. Quando ele recebe em sua casa o livro *Vintém de cobre – meias confissões de Aninha*, que é o terceiro livro dela, que ela publicou aos 92 anos de idade, ele se encanta com a obra e publica uma crônica no *Jornal do Brasil* em que ele coloca que ela era uma senhora sem posses, mas que era mais importante que o governador, que as grandes autoridades. No entanto era uma velinha no sertão

goiano. A partir dessa crônica, começaram a surgir as pessoas a perguntar quem era Cora Coralina. Aí começou a haver correspondência entre os dois. Ela dizia que ele a *desencantou*, que ela foi desencantada por Carlos Drummond de Andrade.

Então foi a partir daí que as pessoas começaram mesmo a ler, a estudar Cora Coralina nas universidades. Hoje tem uma infinidade de teses, dissertação de mestrado, de graduação, querendo estudar a obra. Porque a obra de Cora Coralina é uma obra ampla. No seu texto você encontra questões sociais, questões ambientais, a história da cidade. Ler um poema de Cora é como você estar andando nesta cidade bicentenária. E ela vai falar dos hábitos e costumes da cidade. Ao mesmo tempo, é uma poesia de denúncia, quando ela vai falar dos excluídos da sociedade. A linguagem de Cora Coralina é uma linguagem muito atual. Os jovens se identificam com a literatura, os idosos entram nesta casa e saem extremamente emocionados. Alguns dizem: “Vou mudar a minha postura de vida. Se uma senhora de 93 anos publica livros, ainda escreve,” – escreveu até os 95 anos – “eu ainda tenho muita terra, muita estrada para andar.”

Isso nos deixa extremamente felizes, saber que estamos cumprindo com a missão do Museu. O Museu é uma experiência, ao entrar nele você entra de uma forma e sai diferente de quando entrou. E nós temos conseguido fazer com que as pessoas visitem o Museu, adquiram os seus livros. Aqui nós somos representantes da Editora Global, e a própria Editora fala que a maior livraria deles é a Casa de Cora Coralina, pois as pessoas querem adquirir o livro aqui, na própria Casa, no lugar onde ela escreveu a maior parte de seus livros. Então é uma experiência muito interessante saber que este espaço de moradia propõe essa narrativa entre o visitante e a própria personalidade, a própria figura da poetisa Cora Coralina.

A gente procura refletir sobre essa escrita de Cora Coralina, que é, como todos dizem, uma escrita atual. Ela usa termos da atualidade. E o que é muito interessante, quando as pessoas falam “olha, ela só tem o terceiro ano do primário”, é que nós ressaltamos, principalmente para os jovens, a *leitura*. Cora Coralina era uma devoradora de livros. Ela frequentava aqui em Goiás o Gabinete Literário Goiano, que é uma das primeiras casas de literatura e biblioteca pública da cidade, de 1864. Ela era uma frequentadora assídua. Quando ela se mudou de Goiás ela também participava dos envolvimento culturais e sociais das cidades em que ela viveu.

A missão nossa é essa: criar caminhos, criar um campo sensível a todas as pessoas que visitam o museu, para criar uma *experiência* aqui dentro. Eu acredito que a gente esteja cumprindo essa missão. Também é muito interessante destacar que quando Cora Coralina voltou para Goiás, em 1956 – ela saiu em 1911, quer dizer, ficou 45 anos fora –, toda a geração dela já não estava mais aqui: ou tinha mudado para Goiânia, que já era a capital do estado, ou havia falecido. Então a geração que ela encontrou não era a geração que ela deixou. Ela, por ter saído daqui de uma forma revolucionária, eu digo hoje – em 1911 ela foi embora para São Paulo com um homem que era casado (separado, mas casado, pois não existia o divórcio naquela época) –, por ela romper com o preconceito desta cidade, ela foi uma mulher além do seu tempo. E o que acontece? Quando ela volta, essa geração não a conhece. E ela diz assim: “A geração que há de vir é que vai entender a obra de Cora Coralina.” E eu reafirmo o que ela diz. Hoje, a geração que está entrando neste Museu, que está visitando este Museu – jovens, crianças – eles olham o Museu com outro olhar e querem ler mais Cora Coralina. A gente fica feliz de saber que está cumprindo com essa função, que é isso: a reconstrução do passado, que é a história de Cora Coralina, mas com experiência para a modernidade, ao fazer essa ponte entre o passado e o presente, com um olhar para o futuro.

O Museu é um centro cultural. Nós utilizamos o quintal para palestras, conferências, declamações. Várias atividades culturais da cidade acontecem aqui. Agora a gente está incrementando um projeto. O Ronaldo fala das crianças declamando Guimarães Rosa, lá em Cordisburgo. Nós aqui estamos com um projeto que se chama “Serenata em passos poéticos”. O que significa isso? Nós estamos preparando jovens, fazendo uma oficina de vocalização, e esses jovens, na faixa de 14 a 16 anos, estão aprendendo a poesia de Cora Coralina. Na Serenata – que sai da própria porta da Casa de Cora, ou sai do Largo do Rosário, que fica logo acima do Museu –, em cada parada, com os músicos cantando as melodias e as músicas de serenata, os jovens surgem no meio do público e declamam Cora Coralina. Isso tem trazido uma forma diferente de a gente divulgar a obra da Cora. Por que nos colocamos o nome “Serenata em passos poéticos”? Na rua Dom Cândido, onde está o Museu, nós fizemos um projeto muito legal, em que colocamos fragmentos de poesia, não só de Cora Coralina, mas também de escritores do final do século XIX e do século XX, em todas as fachadas das casas. Isso

atrai o turista, que lê e fica encantado com a poesia fixada na parede. Então nós transformamos essa rua da Cora Coralina na Rua do Passo Poético. A Serenata sai daqui da porta do Museu, percorre o Centro Histórico cantando músicas de serenata, e são intercalados momentos em que os jovens (e também outros declamadores, turistas, pessoas que querem declamar poesia) entram no meio e declamam. É uma forma de nós estarmos incentivando o gosto pela poesia. Eu acho que é um projeto muito bom que o Museu está desenvolvendo.

Outra forma também de fazer com que o leitor, ao chegar na Casa de Cora Coralina, já conheça um pouco da obra, é o Caminho de Cora Coralina. O Caminho, em que são percorridos 300 km, sai de uma cidade histórica que se chama Corumbá, passa por uma outra cidade que todos vocês conhecem, que é Pirenópolis, percorre o Cerrado, até chegar na cidade de Goiás. Em cada parte do caminho há painéis com a poesia de Cora. Eles fazem com que as pessoas descansem. Eu tive o cuidado de separar os fragmentos justamente dos poemas que falam de superação, de dificuldades, de acreditar nos valores humanos, de não desistir nunca, mesmo que se esteja com problemas difíceis, de seus sonhos, seus ideais. Isso fortalece o caminhante, que sai da cidade de Corumbá a pé ou de bicicleta até a cidade de Goiás. Ao chegar aqui no Museu, ele é bem recebido, nós carimbamos o passaporte – tem um passaporte, eles recebem o certificado de que fizeram o Caminho de Cora Coralina –, entram no Museu e vão encerrar sua visita bebendo a água da biquinha. Ela disse que uma vez fez uma longa caminhada e matou a sede de seu tempo de infância na biquinha da casa velha da ponte. Então nós temos esses dois projetos, que são muito interessantes e fazem com que o turista e o próprio morador se integrem, se comprometam com a poesia da nossa escritora que, além do mais, é a maior atração turística da cidade. Eu posso confirmar isso porque nós ficamos fechados. Infelizmente, com a pandemia, o Museu ficou fechado por 200 dias. Foram 200 dias de tristeza, a casa fechada, as pessoas ligando, infelizmente não tinha como abrir o Museu. Com a pandemia teve esse problema. Quando abriu, quando teve a possibilidade de os turistas voltarem a visitar a casa, vocês não imaginam a quantidade de turistas que têm vindo à cidade de Goiás exclusivamente para conhecer o Museu. Alguns dizem assim: “Olha, eu fiquei com medo de morrer e

não ter a oportunidade de conhecer o Museu.” Hoje o Museu voltou a funcionar, seguindo regras.

Uma outra forma que a gente fez para atrair o turismo, para não ficar um Museu estático, foi transformar o Museu em interativo. Então o turista, ao entrar no Museu, na primeira sala – além da livraria e da entrada, onde os turistas adquirem o seu ingresso – tem a cronologia e também a televisão onde ela declama, onde estão as entrevistas. Ao chegar na cozinha, nós criamos um ambiente, porque ela era doceira, nós temos que destacar a profissão de doceira dela. Ela falava: “Sou mais doceira do que escritora. Sou doceira por necessidade e escritora por vocação.” Então o que resolvemos fazer? No fogão a lenha, onde ela fazia os doces, sai essa fumaça e, nessa fumaça, você consegue ler um fragmento da poesia, que se espalha pela cozinha toda. E também há cheiros. Nós conseguimos uma parceria com a Universidade Federal de Goiás, em que o turista entra na cozinha e sente o cheiro da laranja, o cheiro do limão, da goiaba, como se ali a Cora estivesse fazendo o doce na presença do turista. Quando ele passa pelo quarto, tem um poema muito lindo também que se chama “Humildade”, e logo em seguida tem a máquina de escrever.

Deve-se destacar que é o único curso que Cora concluiu em vida, o curso de datilografia. Ela estava com 70 anos de idade. Por que é que ela foi aprender datilografia? Porque ela dependia das pessoas para datilografar seus originais para mandar para as editoras e também para os jornais. E nem sempre as pessoas estavam dispostas a ficar aqui uma parte do dia datilografando os manuscritos. Então o que é que ela fez? Uma mulher destemida! Foi aprender datilografia para ela mesma datilografar os seus poemas e não depender muito da boa vontade de alguém. Então nessa sala, que nós chamamos de Sala da Escrita, tem a própria máquina onde ela datilografava seus originais e o barulho. São as novas tecnologias. O barulho da máquina, como se ela estivesse sentada, datilografando o poema, e o poema sai inteiro na parede.

São formas que nós encontramos para despertar o interesse do visitante e ao mesmo tempo incentivar os jovens e as crianças a gostarem de literatura. A casa tem esse compromisso de incentivar a leitura. É como ela mesma diz e eu gosto de reafirmar com os alunos, principalmente com estudantes, que visitam muito o Museu. Nós

recebemos muitos estudantes de Goiânia, do interior de Goiás, inclusive até de São Paulo já veio caravana aqui com crianças para visitar o Museu. Ela coloca que o livro de amor dela é o dicionário, que foi o dicionário que fez com que ela escrevesse corretamente. Uma vez que ela teve a deficiência da escola, não teve a oportunidade de seguir nos seus estudos – talvez por dificuldades da própria cidade a família ficou sem recursos, então ela não pôde continuar a estudar –, ela diz isso: “Meu livro de amor é o dicionário.” Aí eu falo com os alunos: “Vocês manuseiam o dicionário?”. Aí alguns dizem: “Não, tia, a gente olha tudo no Google.” Então eu falo assim: “Não, vocês não vão olhar no Google, vocês vão ter um dicionário para aprenderem a escrever corretamente, assim como Cora Coralina fez.”

Então a gente tem esse compromisso de divulgar a literatura, de falar sobre a obra dessa escritora que rompeu preconceitos, rompeu dificuldades, mas nunca desistiu. É uma mulher que, se vocês pegarem os livros – *Poemas dos becos de Goiás, O vintém de cobre, Meu livro de cordel* e tantos outros que ela publicou (hoje são 17 livros) –, não encontram palavras negativas em sua obra. E não encontram palavras de amor, aquele amor derramado. Ela falava assim: “Não, a vida é dura. Eu tenho que colocar na minha literatura a dureza da vida.” É essa dureza da vida que faz com que ela se torne atual, que sua obra se torne atual. Uma obra que foi publicada em 1956 está hoje atual. Você lê Cora Coralina como se fosse escrita hoje, como se ela estivesse escrevendo para essa geração de hoje. É isso o que nos encanta.

Eu quero deixar essa pequena contribuição do Museu e fazer um convite. Que visitem o Museu Casa de Cora Coralina! E fazer o convite para o Davidson: que venha a Goiás, saboreie da culinária vilaboense, saboreie as noites de luar, que aqui é uma cidade acolhedora, uma cidade hospitaleira que gosta realmente de receber bem. Muito obrigada a todos, um grande abraço, e eu fico muito honrada de fazer parte desta mesa tão seleta e reencontrar amigos tão queridos.

Marlene Gomes Vellasco é Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Goiás (UFG), é professora da Unidade Universitária Cora Coralina, na mesma instituição. Dirige o Museu Casa de Cora Coralina, na Cidade de Goiás (GO). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando nas disciplinas: literatura portuguesa, literatura brasileira e teoria da literatura.